



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

JULIANA DE CARVALHO FREDERICO TAVARES

# **A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA**

**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA**



**UNICV/ 2010**

**UNICV**  
**CURSO DE EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA**

**AUTORA:** JULIANA DE CARVALHO FREDERICO TAVARES

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO DE  
INFÂNCIA**

**Trabalho científico apresentado à UNiCV para  
obtenção do grau de licenciado em educação de  
infância sob a orientação da Dra. Antonieta  
Lopes**

**UNICV/ DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**

**CURSO DE EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA**

**AUTORA:** JULIANA DE CARVALHO FREDERICO TAVARES

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO DE  
INFÂNCIA**

**O Júri:**

---

---

---

**Praia, \_\_, de \_\_\_\_\_ de 2010**

## ÍNDICE

Introdução.....	4
Capítulo I. Em torno da Literatura Infantil: conceito, significados e origens.....	7
1.1. Conceito e principais características.....	8
1.2. Géneros e modalidades .....	10
1.3. Origem e evolução da literatura para a infância: referências e marcos históricos.....	13
Capítulo II. Contribuição da literatura infantil para o desenvolvimento da criança.....	20
2.1. Aquisição da linguagem, socialização e conhecimento do mundo.....	20
2.2. Contos para cada fase de desenvolvimento.....	24
2.3. A função do maravilhoso na infância.....	27
Capítulo III. O lugar do conto no jardim-de-infância Cabo Verde.....	30
3.1. O espaço do conto infantil no pré-escolar.....	30
3.2. Situação da literatura infantil em Cabo Verde.....	35
3.3. O papel dos pais e dos educadores de infância.....	37
Conclusão e Sugestões.....	39
Bibliografia.....	41
Anexos.....	42

## INTRODUÇÃO

Para a conclusão do curso de Educação de Infância na Universidade de Cabo Verde, escolhi como tema a literatura infantil e a sua importância no pré-escolar, propondo-me debruçar sobre a realidade vivida em alguns jardins-de-infância do nosso país, mais concretamente na cidade da Praia, espaço onde decorreu a formação, com destaque para o estágio pedagógico, que muito contribuiu para reforçar a minha convicção sobre a necessidade de valorização da literatura nos espaços de educação das crianças pequenas. Além disso, a literatura para a infância, enquanto disciplina curricular do curso, estudada durante um semestre, despertou-me um grande interesse e o desejo de aprofundar os conhecimentos nessa área. Deste modo, a realização do trabalho representa a possibilidade de aplicar um conhecimento curricular à realidade concreta dos nossos jardins-de-infância e quiçá descobrir ou pelo menos sistematizar diferentes possibilidades de utilização e valorização da literatura na educação de infância.

As interrogações que estiveram na base desta pesquisa resultaram da convivência entre o ideal de educação de infância visualizado no curso, em que as diversas formas de literatura infantil (contos, poesia, lengalengas e outras) têm uma presença determinante no mundo da criança, e a realidade dos nossos jardins-de-infância, onde os livros são escassos e, muitas vezes, os existentes se encontram perfeitamente arrumados nas prateleiras, sendo as crianças proibidas de lhes tocar, e em que o tempo efectivo dedicado às histórias e ao despertar da imaginação parece muito insuficiente. Desta situação problemática, formulou-se a pergunta de pesquisa, que serviu de guia a este trabalho, e que na sua forma inicial, tal como incluída no projecto apresentava-se ainda bastante aberta: “Como é que a literatura para a infância poderá contribuir para o desenvolvimento das crianças no pré-escolar?” Sendo esta a pergunta de

partida, foi contudo necessário adequá-la ao que efectivamente se procurava, isto é, o conhecimento da situação nos nossos jardins-de-infância. Na verdade, mais do que uma preocupação genérica sobre a contribuição da literatura infantil, trata-se de saber como é que este domínio tem marcado presença na educação de infância em Cabo Verde, que tipo de ofertas, de utilização e experiências, e ainda as possibilidades que se podem vislumbrar neste campo.

Assim sendo, este trabalho tem como objectivos principais:

- Demonstrar a importância da literatura infantil no pré-escolar, com destaque para a sua contribuição no desenvolvimento da criança nesta fase;
- Conhecer a realidade dos jardins-de-infância no que toca à literatura infantil, nomeadamente em termos de frequência e formas de apresentação;
- Identificar as obras de literatura infantil mais utilizadas no nosso contexto;
- Inferir sobre a presença - ou ausência – de literatura infantil de origem cabo-verdiana (histórias tradicionais ou outras) nos jardins-de-infância.

Tendo em vista os objectivos pretendidos, procurou-se construir uma metodologia que pudesse permitir um diálogo constante entre a aprendizagem mais teórica adquirida ao longo do curso e os dados da observação obtidos durante o estágio, diálogo esse facilitado por algumas entrevistas e aplicação de questionários a intervenientes mais directamente ligados à educação de infância, a saber: pais e encarregados de educação, monitoras e autores de literatura infantil no nosso país. Neste sentido, foi aplicado um questionário (anexo I), respondido por 12 pais e 13 monitoras. Foi também possível entrevistar uma autora de livros para crianças e manter conversações com outros actores. Os dados assim obtidos foram fundamentais para a construção de uma visão da literatura infantil nos nossos jardins-de-infância e para a formulação das propostas apresentadas no final deste trabalho.

Do ponto de vista teórico, o trabalho parte de perspectivas contemporâneas que defendem a literatura para a infância como um campo bastante específico, ainda que preenchido por diversos géneros. O importante é que se trata de uma produção virada para as crianças, e, como tal, merecedora de uma série de cuidados que acabam por conferir a essa literatura qualidades muito particulares. Dessas qualidades, a clareza e simplicidade da linguagem e da estrutura, o protagonismo das crianças como personagens e o lugar reservado à imaginação são sublinhadas pelos autores que nos serviram de referência: Ana Maria Magalhães, Garcia Barreto e Cristiane de Oliveira, autores que a partir de espaços e

momentos diferentes reflectem sobre a literatura infantil, defendendo a sua enorme importância na vida das crianças.

Tratando-se de uma obra de principiante, procurou-se, sem fugir às regras vigentes na instituição, manter uma estrutura simples e um nível de língua próximo do corrente, ainda que com os cuidados necessários a um trabalho de fim de curso. Desta forma, dividiu-se o trabalho em três capítulos, sendo o primeiro dedicado à problemática geral mais teórica sobre a literatura para a infância, as tipologias, variações conceptuais e outros aspectos, o segundo, incidindo sobre a criança em desenvolvimento, seus anseios e necessidades, e o terceiro capítulo centrado em questões específicas da literatura infantil nos nossos jardins-de-infância. Um conjunto de sugestões fecha o trabalho, procurando chamar a atenção para a necessidade de maior presença de literatura na educação das crianças, e do papel importante que pais, educadoras e outros profissionais da educação poderão desempenhar se, com o auxílio dos contos de encantar, se dispuserem a abrir um mundo mágico e maravilhoso às crianças que educam.

A realização deste trabalho não aconteceu sem dificuldades. Destas, vale a pena destacar a escassez de obras, em especial de produção nacional sobre a temática. Procurou-se, contudo, através da reflexão e do diálogo, elaborar um trabalho coerente, esperando que possa contribuir para despertar maior interesse pela literatura infantil nas instituições de formação e maior presença nos jardins-de-infância e outros espaços educativos no nosso país.

## **I. EM TORNO DA LITERATURA INFANTIL: CONCEITO, SIGNIFICADOS, E ORIGENS**

A expressão literatura infantil, ainda que aparentemente clara, constitui um conceito bastante polémico e parece não haver até hoje verdadeiro consenso a seu respeito. Várias razões contribuem para as diferenças de entendimento, nomeadamente, o adjectivo infantil que, lido pejorativamente, pode fazer pensar numa produção de qualidade inferior ao que normalmente se espera da literatura, o público a que se destina e até mesmo as suas origens e principais características. Neste sentido, parece aceitável questionar se de facto existe um género específico de literatura que pode traduzir essa noção de literatura infantil. Haverá questões específicas, temas, linguagens, conteúdos? Neste trabalho, iremos, com base na documentação consultada, procurar clarificar esses diversos aspectos, para podermos afirmar a existência da literatura infantil, em que acreditamos, antes de passar a argumentar sobre a importância deste género.



### 1.1. Conceito e principais características

Se dúvidas existem em relação à especificidade da literatura para a infância, a verdade é que a sua existência está confirmada pela produção de numerosas obras, pela atribuição de espaços próprios em bibliotecas institucionais e familiares, pela definição de uma carga horária para actividades a ela ligadas nos jardins-de-infância e nos cursos de educação de infância e, até mesmo, por poder constituir objecto de reflexão e pesquisa, como no caso que nos ocupa.

De acordo com a Moderna Enciclopédia Universal,<sup>1</sup> a literatura infantil é *“a que é especialmente escrita ou que se considera especialmente adequada para crianças e jovens.”* Esta definição valoriza o aspecto consciente, mais concretamente a ideia de uma produção literária com a intenção de servir a um público particular, assim como uma ideia de avaliação, de selecção, de escolha no conjunto de tantas obras literárias existentes, das *“que se considera especialmente adequadas a crianças e jovens”*. Em outras fontes de informação, encontramos mais elementos de classificação da literatura infantil. Assim, a enciclopédia online Wikipedia apresenta: *“A literatura infanto-juvenil é um ramo da literatura, dedicado especialmente às crianças e jovens adolescentes. Nisto se incluem histórias fictícias infantis e juvenis, biografias, novelas, poemas, obras folclóricas e/ou culturais, ou simplesmente obras contendo/explicando fatos da vida real (ex: artes, ciências, matemática, etc.).”*<sup>2</sup> Esta definição permite-nos ver como é vasto o conteúdo da literatura infantil, os géneros literários que pode incluir e a grande diversidade temática a que está ligada. Parece que a principal característica continua a ser o público a que se destina. É assim que a idade do leitor/a acaba por dar sentido à classificação de literatura infantil, e mesmo por justificar diferenças consoante as faixas etárias. Como se afirma na Wikipedia, *“enquanto obras literárias destinadas a crianças de dois a quatro anos de idade são quase sempre constituídas de poucas palavras e são muito coloridas e/ou possuem muitas imagens e fotos, obras literárias destinadas ao jovem adolescente muitas vezes contêm apenas texto.”* Por esta citação se percebe uma das características da literatura infantil, a qual podemos traduzir por adequação à faixa etária. Esta relação com os pequenos leitores não se limita às questões de texto e

---

<sup>1</sup> Moderna Enciclopédia Universal, Entrada Literatura Infantil

<sup>2</sup> Wikipedia, entrada Literatura Infantil

imagens, mas inclui também a natureza dos temas abordados, a forma como se apresentam, entre vários outros aspectos que acabam por constituir preocupações importantes da literatura infantil.

Para além dos aspectos referidos, a literatura infantil, sobretudo na versão escrita, deve ainda assentar em alguns outros cuidados, como mostra o extracto seguinte: *“O conteúdo de uma obra infantil precisa ser de fácil entendimento pela criança que a lê, seja por si mesma, ou com a ajuda de uma pessoa mais velha. Além disso, precisa ser interessante e, acima de tudo, estimular a criança.”* A mesma fonte (Wikipedia) faz referência às diferenças de conteúdo por faixa etária. Assim, *“as obras literárias destinadas às crianças com dois a quatro anos de idade possuem apenas grupos de palavras e/ou poucas e simples frases. Aqui, livros são coloridos e/ou possuem muitas imagens e/ou fotos, tanto porque a criança está apenas começando a aprender a ler, bem como estimula a criança por mais livros/histórias. Livros dedicados a leitores entre quatro a seis anos apresentam maiores grupos de palavras organizados em um texto, sem abrir mão de estímulos visuais mencionados acima”*. Para crianças mais velhas entre sete a dez anos, as obras apresentam textos cada vez maiores e factos mais complexos, incitando a criança leitora a procurar as suas próprias respostas, ajudando-a a raciocinar.

Ainda no tocante às características, é possível reconhecer na grande diversidade de géneros que integram a literatura infantil, pontos em comum resultantes das preocupações de quem escreve, aconselha ou selecciona leituras para crianças e jovens. A partir de diversas obras, chegámos às seguintes características:

- Narrativas relativamente curtas – De um modo geral não ultrapassam 80 a 100 páginas.
- Predominância de uma linguagem simples, apresentando os factos ou histórias de maneira clara.
- Presença de estímulos visuais (cores, imagens, fotos, etc.), especialmente para as faixas etárias mais jovens.
- Ausência de temas adultos e/ou não apropriados a crianças. Isto inclui guerras, crimes hediondos e drogas, por exemplo.
- Valorização do carácter didáctico, ensinando ao jovem leitor regras da sociedade e/ou comportamentos sociais.
- Preferência pelos diálogos e diferentes acontecimentos, com poucas descrições.

- Maior protagonismo às crianças, que são os principais personagens das histórias.
- Narrativas concluídas, normalmente, por final feliz.

A existência de grande parte destas características marca a verdadeira literatura para a infância, mas convém ainda assinalar o espaço dedicado à imaginação e ao sonho, o carácter mágico e maravilhoso das histórias para crianças.

Arrematando, podemos dizer que a literatura infantil é produzida para a criança, mas é feita por adultos, “libertando a criança que existe dentro de cada um de nós”. E, hoje em dia, deixou de ser vista por alguns como menor, ganhando valor e despertando cada vez mais interesse, inclusive de escritores consagrados. Na verdade, como escreveu a escritora portuguesa Ester de Lemos, “*a perspectiva pejorativa não tem razão de ser, pois a literatura infantil não quer dizer que é uma literatura diminuída ou intencionalmente empobrecida para se adaptar a uma suposta ignorância ou debilidade do espírito da criança. Pelo contrário, a grande obra literária é aquela que consegue encantar e despertar a criança e levá-la a descobrir nela a riqueza da linguagem das imagens que vão enriquecer o seu conhecimento e as suas experiências vivenciadas*”.<sup>3</sup>

## **1.2.Gêneros e modalidades**

Como vimos no início do ponto precedente, o conceito de literatura infantil abarca um conjunto diversificado de géneros literários, podendo apresentar-se sob a forma de conto, poema, teatro, entre outras modalidades. Outro aspecto importante a considerar é a oralidade, pois grande parte do património da literatura infantil chega às crianças pela boca de contadores de histórias, sejam eles membros da família, ou outras pessoas da comunidade. Além disso, grande parte da literatura escrita para crianças – sobretudo os textos mais antigos – foi o resultado da recolha de histórias contadas (oralmente) ao longo das gerações.

Assim, a literatura infantil inclui os chamados contos tradicionais (ainda que nem todos estejam de acordo com os padrões actuais da literatura para a infância), os contos de

---

<sup>3</sup> Ester de Lemos, citada por Garcia Barreto, *Literatura para crianças e jovens em Portugal*, p.11

fada ou histórias de encantar, as fábulas e, ainda, produções literárias contemporâneas, mais viradas para o entretenimento e a imaginação.

**Os contos tradicionais**, normalmente orais e muitas vezes também designados apenas por histórias, centram-se no antigamente, em tempos imemoriais, como nos lembra a expressão mágica do início dos contos “Era uma Vez...”. Estas histórias destinavam-se a educar e satisfazer as necessidades lúdicas e de socialização das crianças, pelo que estavam perfeitamente integradas na vida quotidiana, nas vivências da comunidade. Uma complexidade de dimensões estava presente nas narrativas tradicionais, entre as quais mitos, crenças, rituais religiosos, símbolos ligados ao trabalho, relações com o ciclo da vida e da natureza. Mas, as histórias tradicionais também se referem a acontecimentos históricos, narrativas, canções, adivinhas, provérbios, ditados populares. Constituem, como iremos mostrar no Capítulo II, auxiliares de grande importância para a educação das crianças e dos jovens, garantindo a transmissão dos conhecimentos e valores da comunidade e a sua própria sobrevivência como grupo individualizado.

Quanto aos **contos de fada**, caracterizam-se pela presença do elemento “fada”, palavra derivada do vocábulo latino *fatum*, que tinha o sentido de fado ou destino, fatalidade, oráculo. As fadas são imaginadas como personagens femininas de grande beleza e poderes sobrenaturais. Normalmente ajudam os seres humanos, quando estes enfrentam situações muito difíceis, que não poderiam solucionar sozinhos. Temos o exemplo da pobre Cinderela, que não tinha meios para participar no baile do palácio real, quando a fada, usando a sua varinha mágica, arranja-lhe tudo o que precisava: vestido, carruagem, cavalos e cocheiro e os seus famosos sapatos de cristal.

Porém, tal como a vida, os contos de fada têm também o lado difícil. Por vezes, as fadas são criaturas más, bruxas, que interferem na vida das pessoas para lhes fazer mal. Ao contrário da fada boa, a bruxa é normalmente representada como uma mulher feia e velha, para além de ser má. As nossas histórias tradicionais estão cheias da figura di Nha Bedja Fitisera que representa muito bem a bruxa dos contos de fada. De acordo com as obras que nos serviram de base para o trabalho, *“fada e bruxa são formas simbólicas da eterna dualidade da mulher, ou da condição feminina”*.

A estrutura narrativa dos contos de fadas expressa os obstáculos, ou provas, que precisam ser vencidas, para que o herói alcance sua auto-realização existencial, seja pelo

encontro do seu verdadeiro “eu”, seja pelo encontro da princesa ou príncipe, que simboliza o ideal a ser alcançado. Nesta caminhada, o herói (ou a heroína) é ajudado pela fada boa a combater as dificuldades, sempre aumentadas pelo poder das bruxas.

De origem muito antiga, os contos de fada atravessaram os tempos, adaptando-se a cada época. Porque na verdade os contos de fadas tratam de problemas humanos universais como, por exemplo, a solidão, a responsabilidade pessoal e a necessidade de enfrentar a vida por si só, ainda que estes problemas apareçam de forma camuflada, por uma linguagem simbólica em que certos actos e palavras podem ter sentidos diferentes do que aparentam.

Graças ao esforço de registo de contos populares, sobretudo na Europa, diversos contos de fadas acabaram por se tornar universais, constituindo uma espécie de património infantil comum da humanidade. Existem exemplos dessas histórias que correram o mundo, como Branca de Neve e os Sete Anões, Capuchinho Vermelho, Cinderela ou a Gata Borralheira, o Príncipe Orelhas Burro e tantas outras.

**As Fábulas** constituem outra modalidade bastante popular de histórias para crianças. Nestas narrativas, em que as personagens são animais, diversas situações da vida são postas em causa, sempre na intenção de se tirar um ensinamento para a vida pessoal, familiar, ou colectiva. Existe, nas fábulas, a preocupação de uma moral da história, que muitas vezes vem mesmo sintetizada no final do conto.

Apesar de as fábulas serem dedicadas aos animais, à semelhança de outras histórias para crianças, elas têm, como foco os seres humanos, com os seus conflitos, comportamentos, virtudes e vícios. Nestas pequenas histórias, os animais ocupam os espaços normalmente preenchidos por seres humanos, participam em situações “humanas” e desenvolvem raciocínios e diálogos perfeitamente humanos. Nas fábulas, talvez mais do que em outras histórias para crianças, o objectivo de educação moral é essencial. A virtude, os bons princípios, os valores positivos ganham sempre, do mesmo modo que os maus e o mal ficam sempre a perder.

Um aspecto curioso das fábulas é que determinadas qualidades são associadas a determinados animais, havendo a manha da Raposa, a Esperteza do Coelho (talvez do Chibinho para nós), a fidelidade do Cão, etc. Estas associações presentes nas fábulas têm fundamento nas culturas de origem e são sempre respeitadas nas diferentes histórias, o que permite ao leitor/ouvinte dispor dos dados para a construção da narrativa, em que também é

participante activo. Ao longo dos séculos, diversas fábulas têm sido reeditadas, fazendo parte das mais populares histórias infantis. Tal como as aventuras do Lobo e do Chibinho, os contos A Raposa e o Corvo, a Cigarra e a Formiga, A Rã Que Queria Ser Boi, são exemplos dessas histórias muito particulares.

Além dos géneros referidos, o repertório infantil é ainda composto de lendas, provérbios, adivinhas, anedotas, e outras formas de comunicação presentes, sobretudo nas sociedades mais tradicionais, onde desempenham um papel muito importante no processo de educação e socialização das crianças e dos jovens. Integrados na vida social e cultural dos povos, os contos infantis – especialmente os géneros mais tradicionais - são de origem remota, perdendo-se no que se costuma chamar “a noite dos tempos”. Mas, vários estudiosos desta temática conseguiram identificar algumas fontes importantes, assim como momentos determinantes na evolução deste género literário. Estes assuntos serão desenvolvidos no ponto seguinte.

### **1.3.Origem e evolução da literatura para a infância: referências e marcos históricos**

O acto de comunicar constitui uma das bases fundamentais de todas as sociedades humanas. Desde as épocas mais antigas, os seres humanos habituaram-se a partilhar as suas vivências, as descobertas e os medos de cada dia. Desde que apareceu a linguagem articulada que os homens e as mulheres, ainda vivendo em pequenos grupos e muito próximos da natureza, começaram a falar uns com os outros sobre o mundo em que viviam, os animais que caçavam, os instrumentos que fabricavam, os frutos que recolhiam e tudo aquilo que os preocupava. E, assim, a pouco e pouco, o acto de contar passou a ser uma das práticas mais universais de toda a humanidade. O que hoje chamamos de literatura infantil pode ter tido a sua origem nas histórias contadas naqueles tempos antigos, histórias que foram conservadas e transmitidas oralmente de geração para geração.

As informações recolhidas para a realização deste trabalho estão de acordo com esta origem antiga e popular dos contos para crianças. Vários autores que consultámos fazem referência à origem muito antiga da literatura infantil, defendendo que “*a literatura para a*

*infância teve a sua origem a partir das histórias orais que eram histórias tradicionais, histórias populares que relatam mitos, lendas, fábulas, contos maravilhosos, vida da natureza*”<sup>4</sup>. Deve-se notar que os contos mais antigos não eram destinados apenas às crianças. Pelo contrário, muitas histórias eram contadas entre os adultos na presença das crianças. O seu lado fantástico acabou por despertar o interesse e a imaginação das crianças, por encantá-las, daí serem também conhecidas como contos de encantar.

Em muitas sociedades humanas, se não em todas, certas pessoas mais velhas (avós, tios e outros membros da família ou da vizinhança) foram pouco a pouco desenvolvendo o costume de contar histórias às crianças, normalmente ao fim dia. Desta forma os relatos foram passando de pais para filhos, ou melhor de avós para netos, cruzando factos vividos com a imaginação e o sonho dos próprios contadores e transformando-se numa parte importante da tradição oral. Quando estas histórias tradicionais passaram a ser escritas, não foram consideradas infantis, isto é, não se destinavam apenas às crianças, mas sim a todos os que quisessem ouvi-las. Elas, não só transmitiam conceitos morais, mas também eram didáticas.

De acordo com o escritor português Garcia Barreto, *“as origens da literatura infantil, são muito remotas. Séculos antes de Cristo foram chegando do Oriente ecos de fabulários indianos, como por exemplo: Calila e Dimna, uma das mais antigas fábulas, passando para o Oriente Médio onde os árabes criaram uma versão mais detalhada, enriquecida pela sua própria tradição e pela tradição dos povos que as foram transmitindo. A literatura infantil teve como suporte determinante no aparecimento posterior de uma literatura para a infância as primitivas fábulas originárias do Oriente*”<sup>5</sup>. Sabe-se que as fábulas fizeram uma longa caminhada através dos tempos, sendo recontadas em diversas ocasiões. Por volta do século VI a.C., o grego Esopo pegou nessas fábulas que já eram transmitidas pela via oral, e deu-lhes uma feição pessoal, isto é recriando-as. Assim surgiram as Fábulas Esópicas. O mesmo aconteceu a Fedro, séculos depois. Fedro voltou a pegar nas fábulas e inspirado por elas, produziu um “um livro das fábulas”, mais ao gosto da época.

No caso da Europa, mais concretamente da Península Ibérica de onde recebemos parte do nosso património de literatura infantil, outras fontes foram de grande importância. A

---

<sup>4</sup> Vários autores (cf. Bibliografia geral)

<sup>5</sup> Garcia Barreto, op. cit., p. 16

presença dos árabes, desde o século VIII influenciou a cultura de uma maneira geral e o campo da literatura em particular. Com efeito, por volta do século XIII, era muito conhecida uma narrativa popular de tradição árabe, ao lado de uma literatura oral de origem local e de cariz popular. Outra fonte importante das histórias contadas na Península Ibérica foram as narrativas francesas, textos escritos com base numa literatura oral, muito ligada ao modo de vida na Idade Média. Algumas destas narrativas tornaram-se célebres e influenciaram a literatura dos séculos seguintes. Os textos da literatura medieval, em especial os romances de cavalaria, são mesmo considerados o início do romance. A própria palavra romance deriva de uma língua com o mesmo nome, falada em França naquela época. Os temas principais abordados nos romances ou novelas de cavalaria, como também eram conhecidas, eram a vida dos cavaleiros, em especial os seus combates por um ideal e por uma dama, defendendo valores como a honra, a amizade, a fidelidade, a bravura, entre outros. Os romances de cavalaria retratam a época medieval, com os seus reis e príncipes, as guerras e a forte presença da religião cristã. A Canção de Rolando, as Peregrinações de Carlos Magno e as Novelas do Rei Artur constituem alguns exemplos desta importante fonte. Durante muito tempo, as narrativas medievais circularam pela Europa, ao lado de histórias de origem oriental e de tradição cristã. A Bíblia, com o seu sentido de maravilhoso, caso dos milagres, foi também uma referência importante para a construção da literatura ocidental, graças à grande força do cristianismo na Idade Média.

Como já foi referido, as muitas narrativas que circulavam pela Europa Ocidental não se destinavam apenas às crianças. Eram histórias para adultos, que as crianças também apreciavam. As aventuras dos cavaleiros, o mistério, os sonhos relatados, enfim, vários elementos, contribuía para despertar a imaginação das crianças. Mas, as narrativas contadas por adultos, sobretudo homens, não seguiam os cuidados de linguagem que mais tarde passaram a ser exigidos nos contos para crianças. Muitas histórias continham palavras obscenas e referência a práticas e comportamentos nada recomendáveis aos seres em crescimento. Foi assim que mais tarde, a partir do século XVII, em França, regista-se a preocupação de criar uma literatura para um destinatário específico que é a criança. Então, alguns escritores com obra feita em outros domínios do saber passaram a criar uma literatura que pudesse interessar aos mais novos.



Houve autores representativos da corrente moderna da literatura infantil como Madame d'Aulnoy ou condessa d'Aulnoy, como também era conhecida, que divulgou os contos de fadas nos seus salões, Charles Perrault, que acaba por escrever uma série de contos e dedica-se a eles e produziu uma obra-prima que para sempre o imortalizará, *La Fontaine*, que publicou o seu livro de fábulas inspirando-se nas obras de Esopo e de Fedro, dando-lhes um carácter pessoal e Fénelon, que é outro autor representativo desta corrente que lançou as bases modernas da literatura infantil. Os contos de fadas, como os conhecemos hoje, surgiram em França, no fim do século XVII, sob iniciativa de Perrault (1628-1703). Perrault não criou narrativas de seus contos, mas contribuiu para que estes se adequassem à audiência da corte do rei Luís XIV (1638-1715).

Apesar de a preocupação de adaptar os contos ao público infantil ter surgido de pessoas das classes altas, os intelectuais da época, a origem dos contos era popular. De acordo com o autor Garcia Barreto, *“foram as narrativas folclóricas narradas pelos camponeses, governantas e serventes que forneceram a matéria-prima para esses contos. Apesar do distanciamento da camada popular e do desprezo pela sua cultura, a classe nobre só conhecia tais narrativas devido ao inevitável contacto por meio do comércio ou pelas presenças das governantas e outros serviçais em suas residências”*. A grande contribuição de Perrault foi a própria recolha dos contos, garantido assim a sua preservação através dos tempos. Além disso, Perrault eliminou o quanto pôde as passagens obscenas ou passagens que continham informações consideradas inadequadas para poder cativar, não só as crianças, mas também os frequentadores dos salões letrados de Paris.

No século XVIII, a sociedade europeia estava mais preocupada com a educação moral das crianças e dos jovens e, sob esse impulso, os contos infantis passam a valorizar muito o aspecto moral, o comportamento desejável. As histórias desta altura, ou as novas edições de histórias antigas reflectiam este carácter exemplar, visando sempre obter resultados positivos na educação das crianças e dos jovens, na sua preparação para a vida adulta. Cristiane Madanêlo de Oliveira, ao escrever sobre a literatura infantil, faz uma associação entre o seu desenvolvimento e a evolução da educação, afirmando que *“O aparecimento da Literatura Infantil tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo “status” concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua emergência*

*deveu-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento dela”.*<sup>6</sup>

As mudanças na sociedade europeia e na visão da educação muito contribuíram para aumentar o interesse pela literatura infantil, pela sua consolidação como um gênero próprio e pela divulgação de contos diversos. Neste sentido, vale a pena recordar uma das mais célebres fontes: As Histórias das Mil e Uma Noites, conhecidas até hoje. Estes contos de origem oriental foram compilados provavelmente entre os séculos XIII e XVI. São estruturados como histórias em cadeia, em que cada conto termina com uma deixa que o liga ao seguinte. Essa estruturação força o ouvinte curioso a retornar para continuar a história interrompida, criando uma grande expectativa no ouvinte. Segundo Cristiane M. de Oliveira, foi o orientalista francês Antoine Galland o responsável por tornar o livro de *As Mil e Uma Noites* conhecido no ocidente (1704). Não existe texto fixo para a obra, variando o seu conteúdo de manuscrito a manuscrito. Os árabes foram reunindo e adaptando esses contos maravilhosos de várias tradições. Assim, os contos mais antigos são provavelmente do Egito do séc. XII. A eles foram sendo agregados contos hindus, persas, siríacos e judaicos. Ainda, de acordo com esta autora, as Mil e Uma Noites constituem um repertório em aberto, onde novas histórias podem entrar: “O uso do número 1001 sugere que podem aparecer mais histórias, ligadas por um fio condutor infinito. Usar 1000 talvez desse a ideia de fechamento, inteiro, que não caracteriza a proposta da obra”.<sup>7</sup> Os mais famosos contos desse conjunto são: O Mercador e o Génio, Aladino ou a Lâmpada Maravilhosa, Ali Babá e os Quarenta Ladrões e As Sete Viagens de Simbad o Marinheiro.

As Mil e Uma Noites partem de uma história também ela fascinante: “O rei persa Shariar, vitimado pela infidelidade de sua mulher, mandou matá-la e resolveu passar cada noite com uma esposa diferente, que mandava degolar na manhã seguinte. Recebendo como mulher a Sherazade, esta iniciou um conto que despertou o interesse do rei em ouvir-lhe a continuação na noite seguinte. Sherazade, por artificiosa ligação dos seus contos, conseguiu encantar o monarca por mil e uma noites e foi poupada da morte”. Esta história mostra-nos o próprio poder das histórias e do contador, que através delas pode até salvar vidas. Aqui é uma

---

<sup>6</sup> Cristiane Madanêlo de Oliveira, *A literatura infantil*, www.URL, consultado em 27/09/10

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*

forma simbólica, mas na realidade, os contos têm uma importância grande na vida das crianças, como iremos demonstrar no capítulo seguinte.

Até aqui, procurámos mostrar de onde vieram os contos infantis e alguns momentos da sua evolução, da Idade Média até ao século XVIII. O século XIX marcou profundamente a literatura infantil, em razão das grandes obras escritas na altura. Como afirmam Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada<sup>8</sup>

*“No século XIX surgiram obras, destinadas a crianças, que se tornaram best sellers mundiais e ultrapassaram a barreira do tempo. Ainda hoje são lidas ou pelo menos adaptadas para a Banda Desenhada, Desenhos Animados, Cinema. Andersen, Dickens, Condessa de Ségur, Júlio Verne, Lewis Carroll, Mark Twain, Johanna Spyri, com a sua «Heidi», Stevensen, De Amicis, que fez chorar gerações sucessivas sobre as páginas do «coração», Luisa May Alcott, Collodii cujo filhote de madeira, a quem deu o nome de Pinóquio, continua vivo e de boa saúde, sem poder mentir nunca por causa do nariz”.*

As autoras citadas mantêm contudo uma opinião crítica em relação à ideia do século XIX como uma espécie de idade de ouro da literatura infantil, argumentando com o facto de que nessa altura imensas crianças - se não a maior parte - permaneciam analfabetas em todo o mundo.

Nos séculos XIX e XX a literatura para a infância tornou-se ainda mais autónoma, com o surgimento de muitos autores e obras. Estas também ganharam um sentido novo: elas deixaram de ser feitas apenas com o objectivo didáctico ou moral. Cada vez mais a literatura infantil pretende despertar a imaginação dos seus leitores, divertir e, claro, educar. Mas uma educação aberta para o mundo e para a criatividade.

A literatura infantil contemporânea tem como base, por um lado, as histórias tradicionais, os contos de fada e, por outro lado, as histórias do nosso tempo, ligadas aos problemas e desafios da actualidade, assim como aos meios técnicos disponíveis hoje. Deste modo, surgem novos espaços e novas formas de transmissão dos contos. O cinema e a

---

<sup>8</sup> Magalhães, A. M.<sup>a</sup>; Alçada, I. — *Literatura infantil, espelho da alma, espelho do mundo*, Revista ICALP, Vol. 20 e 21, Julho / Outubro de 1990

televisão constituem a esse respeito meios privilegiados que não só produzem novos objectos, como também retomam os antigos, dando-lhes vida nova. Basta lembrar, a esse propósito, os filmes da Disney, como Branca de Neve e os Sete Anões, a Pequena Sereia ou Moisés. Ainda vale a pena recordar Hércules e Corcunda de Notre Dame, que recuperam antigas narrativas. Até mesmo as novas produções como o Rei Leão, Pocahontas ou Anastácia lançam as suas bases em recursos tradicionais de regiões diversas: África, América e Ásia, dando aos contos para crianças um carácter ao mesmo tempo nacional e universal. E graças às lendas e crenças antigas, muitos contos contemporâneos ainda conservam o sentido de encantamento tão apreciado pelas crianças.

## **II. CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

As crianças desde sempre manifestaram um grande fascínio pelos contos e em todas as sociedades e culturas existem histórias que lhes são contadas, passando de geração para geração. Durante muito tempo, o hábito de contar histórias era tão comum que ninguém se preocupava em reflectir sobre o seu valor. As pessoas, simplesmente, depois de um dia de trabalho, reuniam-se e contavam histórias, sobretudo as pessoas mais velhas, tendo as crianças como principais ouvintes. Talvez porque as pessoas mais velhas sabiam mais histórias, tinham vivido mais tempo. Talvez ainda porque como as crianças, tinham menos trabalho, mais tempo livre. E contar histórias às crianças é uma boa forma de as manter seguras e sossegadas, sem ter o trabalho de “correr atrás delas”. Actualmente, todos os educadores concordam sobre a importância dos contos para a formação da criança, quer do ponto de vista afectivo e psicológico, quer ainda no processo de socialização e conhecimento do mundo. Os estudos utilizados no âmbito desta pesquisa ajudaram-nos a compreender o grande valor da literatura no processo de desenvolvimento da criança. Nos pontos seguintes, apresentamos de forma sintetizada algumas descobertas feitas nesta matéria.

### **2.1. Aquisição da linguagem, socialização e conhecimento do mundo**

Actualmente, todos os educadores estão de acordo sobre a importância dos contos na formação da criança, nomeadamente do seu papel no desenvolvimento da linguagem, na

aquisição de referências sobre a organização das comunidades humanas, da sua em particular, e do mundo em geral. Através das histórias que ouvem, as crianças aprendem a designar as coisas que as rodeiam, as plantas e os animais, os montes e as ribeiras, o mar, o vento, o rio, a floresta e tantos outros elementos da natureza e do mundo. As histórias ajudam a compreender o lugar do ser humano entre os outros seres da natureza, assim como a relação entre os próprios humanos. Através das histórias, as crianças vão “experimentando” a aplicação dos conceitos de irmão, filha, mãe, pai, avô, primos, construindo a sua própria compreensão das relações de parentesco, de pertença a uma mesma comunidade.

Para além do vínculo com a sua comunidade de origem, as histórias contadas às crianças também contribuem para lhes alargar os horizontes de espaço e de tempo, começando pelo distante lugar do “Era uma vez...”. Saídas para o campo ou para a cidade, para as montanhas e pelos mares, outras terras, outras gentes, vão ensinando as crianças a conhecer o imenso mundo em que vivem, a sua riqueza e diversidade, as suas imensas possibilidades. Quando as crianças têm oportunidade de, para além de ouvir, também contar histórias a outras crianças ou adultos, desenvolvem ainda mais as noções nelas contidas, mais do que palavras, são representações do mundo, regras de convivência, diferenciação entre o certo e o errado. Deste modo, as histórias tornam-se uma ferramenta para ensinar às crianças as regras do “estar no mundo” e formas de agir sobre ele. Os contos não ensinam apenas uma criança de cada vez, mas toda uma geração que, ao partilhar histórias comuns, acaba por adquirir uma certa visão do mundo, um entendimento, uma cultura e mesmo uma ideologia.

De facto, os contos não são neutros. As histórias são leituras do mundo e como tal reflectem os valores de cada comunidade, época e autor. Como nos dizem Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada<sup>9</sup>:

*“Além do talento e das opções individuais, a literatura infantil reflecte com clareza e nitidez a época a que pertence. Excepção feita aos contos tradicionais, que não só não surgiram para entreter crianças como ocupam um lugar à parte que não cabe aqui tratar,*

---

<sup>9</sup> Magalhães, A. M.ª; Alçada, Isabel, *Literatura infantil, espelho da alma, espelho do mundo*, Revista ICALP, vol. 20 e 21, Julho - Outubro de 1990

*cada história é um espelho do momento em que surgiu. O mundo transforma-se. A literatura infantil não tem outro remédio senão transformar-se também. Voluntariamente ou não, cada autor acaba por fazer eco dos valores, ideologias, modos de vida, formas de encarar a educação e a infância. Estes aspectos por vezes transparecem até nos títulos de livros ou de colecções”.*

Na obra em referência, as conhecidas autoras da série Uma Aventura demonstram como a literatura infantil produzida na Europa entre os séculos XIX e XX, sobretudo este último, manifestava os ideais e as próprias limitações de cada período histórico, cultural, político. A forma como se encarava a educação da menina em forte diferenciação com a do rapaz, o papel da mulher reservado ao lar e à educação dos filhos, a presença da religião, e tantos outros “sinais dos tempos”, que não nos é possível aqui explorar, mas que reforçam esta ideia de ligação da literatura à cultura. Contudo, convém notar que esta ligação não significa incapacidade de mudança. A literatura é um meio poderoso de consciencialização sobre o mundo, as desigualdades e injustiças, os benefícios de uns e as desvantagens de outros. Esta consciencialização pode conduzir a uma tomada de consciência da necessidade de transformar as relações entre os seres humanos, particularmente na sociedade actual marcada por tantos desafios. A propósito desta perspectiva, Nelly Novais escreve:

*“A literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola (...). É no sentido dessa transformação necessária e essencial (cujo processo começou no início do século XX e agora chega sem dúvida, às etapas finais decisivas) que vemos na literatura infantil o agente ideal para a formação da nova mentalidade que se faz urgente”<sup>10</sup>. Mas este objectivo de transformar a mentalidade só poderá ser atingido se as pessoas adultas que se ocupam das crianças (pais, educadoras, professores) tiverem consciência da sua responsabilidade e reorganizarem o seu próprio conhecimento. Como afirmou Ana Maria Machado, citando Abramovich, “É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos”. A autora acrescenta ainda: “Nesse sentido,*

---

<sup>10</sup>, Nelly Novaes Coelho, *Literatura Infantil*, 7ª ed.

*ouvir ou ler histórias inicia a criança no processo de construção da linguagem, ideias, valores e sentimentos os quais ajudarão a criança na sua formação cultural como pessoa e cidadão*”<sup>11</sup>.

Outra contribuição importantíssima da literatura infantil é a sua relação com o desenvolvimento da leitura, esse instrumento fundamental de integração e intervenção na sociedade e no mundo. A leitura constitui uma das mais importantes aquisições do processo de educação das crianças, pelo facto de se traduzir em via de acesso ao conhecimento, à capacidade de intervenção e possibilidade de melhorar o mundo. Os estudiosos de literatura e da educação de infância chamam a atenção para a importância do desenvolvimento do gosto pela leitura desde a mais tenra idade. Para isso, destacam-se algumas sugestões recolhidas em textos dispersos:

*“Se desejarmos que as crianças desenvolvam o gosto pela leitura, é essencial que esse estímulo seja carregado de intencionalidade, habituar-se a ler próximo à criança, fazendo com que ela perceba o quanto é interessante ler. Qualquer livro que esteja lendo, ou mesmo um jornal pode servir para compartilhar com a criança esse momento, e levá-la a descobrir o sentido das palavras. Conversar sobre escritores, fazer com que as crianças descubram admiração por eles e prometa para o dia seguinte um verso, uma mensagem ou personagem da literatura. Toda criança amparada por pais e educadores que amam a leitura e fazem desse amor uma declaração consistente, acaba amando a leitura também e, assim, descobre o gosto pelas palavras impressas, o segredo que cada frase escrita ousa revelar”*.

Ora, a literatura infantil, através do seu rico repertório e diversidade de géneros, põe à disposição dos interessados um manancial de obras que podem ser exploradas para despertar as crianças para a leitura. O livro é, de facto, um instrumento ideal no processo educativo. Basta pensar que não há meio de comunicação em massa que não contenha um texto, no qual só as palavras possam expressar. Daí, a importância da formação para a leitura, mesmo antes de ser iniciado o processo de alfabetização. O contacto com as histórias e com o livro em particular, desde muito cedo, ajudará a criança a ganhar confiança em si mesma e gosto pela descoberta de novas histórias, novos conhecimentos. Os especialistas recomendam que esse

---

<sup>11</sup> Ana Maria Machado, Como e por que ler os clássicos universais desde cedo, Rio de Janeiro, objetiva, 2002



processo tenha início no meio familiar, onde a criança aprende imitando os comportamentos dos outros membros, num meio onde a afectividade proporciona a segurança de que a criança precisa. As histórias, quando contadas ou lidas no ambiente familiar, ajudam a construir uma intimidade entre a criança e o adulto e o afecto que é determinante para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. De acordo com a escritora brasileira Ana Maria Machado, ouvir histórias é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, tendo um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. *“É poder sorrir, gargalhar com situações vividas pelos personagens e com a ideia dos contos, então, a criança pode ser um pouco participante desse momento de humor, de brincadeira e aprendizado”*.

Pelo exposto até aqui, pode-se compreender a enorme importância da literatura infantil, seja oral seja escrita, na formação da criança, enquanto indivíduo dotado de personalidade própria e como membro de uma comunidade (família, sociedade, nação, humanidade) e o desenvolvimento do sentido de cidadania de que hoje tanto se fala. É claro que para poder satisfazer esses requisitos, a literatura infantil terá que estar adaptada ao meio social e cultural da criança e dos adultos com quem interage no seu processo educativo, além de respeitar as fases de desenvolvimento de cada criança. Estes aspectos serão analisados no tópico seguinte.

## **2.2.Contos para cada fase de desenvolvimento**

Um dos grandes desafios para as educadoras e os pais e todos aqueles que pretendem “oferecer” contos às crianças é certamente a adaptação a diferentes fases de desenvolvimento da criança. Que histórias e como contar? Que tipo de livros podem ser oferecidos? A nossa pesquisa conduziu-nos a um trabalho sobre esta questão, de onde extraímos as ideias a seguir apresentadas. A autora do trabalho chama a nossa atenção para a importante relação entre a literatura infantil e a psicologia experimental que lhe abriu novos caminhos quando ao relevar *“a inteligência como um elemento estruturador do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios de seu desenvolvimento (da*

*infância à adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto”.*<sup>12</sup>

De acordo com esta autora, a psicologia experimental demonstra que a sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. As idades correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança, ou do meio em que vive. Neste sentido, definem-se as seguintes fases às quais deverão corresponder escolhas de literatura bastante diferenciadas.

**A Primeira Infância: Movimento e actividade** (15/17 meses aos 3 anos). Esta fase corresponde a:

- Maturação, início do desenvolvimento mental;
- Fase da invenção da mão – reconhecimento da realidade pelo tacto;
- Descoberta de si mesmo e dos outros;
- Necessidade grande de contos afectivos;
- Explora o mundo dos sentidos;
- Descoberta das formas concretas e dos seres;
- Conquista da linguagem;
- Nomeação de objectos e coisas – atribui vida aos objectos;
- Começa a formar sua auto-imagem, de acordo com o que o adulto diz que ela é, assimilando, sem questionamento, o que lhe é dito;
- Egocentrismo, jogo simbólico;
- Reconhece e nomeia partes do corpo;
- Forma frases completas;
- Nomeia o que desenha e constrói;
- Imita, principalmente, o adulto.

**A Segunda Infância: Fantasia e imaginação** (dos 3 anos aos 6 anos)

---

<sup>12</sup> Cristiane de Oliveira, Livros e Infância <http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm>, 20/11/2009

- Fase lúdica/ predomínio do pensamento mágico;
- Aumenta, rapidamente, o seu vocabulário;
- Faz muitas perguntas. Quer saber “como” e “por quê?”;
- Egocentrismo – narcisismo;
- Não diferenciação entre a realidade externa e os produtos da fantasia infantil;
- Desenvolvimento do sentido do “eu”;
- Tem mais noção de limites (meu/teu/nosso/certo/errado);
- O tempo não tem significação – não há passado nem futuro, a vida é o momento presente;
- Muitas imagens ainda completando, ou sugerindo os textos;
- Textos curtos e elucidativos;
- Consolidação da linguagem, onde as palavras devem corresponder às figuras;
- Para Piaget, etapa animista, pois todas as coisas são dotadas de vida e vontade;
- O elemento maravilhoso começa a despertar interesse na criança.

#### **Fase de alfabetização** (dos 6 aos 6 anos e 11 meses aproximadamente)

- Interesse por ler e escrever, A atenção da criança está voltada para o significado das coisas;
- O egocentrismo está diminuindo. Já inclui outras pessoas no seu universo;
- Seu pensamento está se tornando estável e lógico, mais ainda não é capaz de compreender ideias totalmente abstractas;
- Só consegue raciocinar a partir do concreto;
- Começa a agir cooperativamente;
- Textos mais longos, mas as imagens ainda devem predominar sobre o texto;

Atendendo a estas fases do desenvolvimento da criança que acompanham o seu percurso no jardim-de-infância, as histórias devem ser escolhidas em função da sua

maturidade e dos seus interesses e ainda das orientações da psicologia. No quadro, que a seguir transcrevemos, sintetizam-se essas orientações.

<b>Fase de desenvolvimento</b>	<b>Tipo de contos</b>	<b>Tipo de ilustração</b>	<b>Outros recursos</b>
1 a 2 anos	As histórias devem ser rápidas e curtas	Uma gravura em cada página, mostrando coisas simples e atractivas visualmente	Livros de pano, madeira, e plástico. É recomendado o uso de fantoches
2 a 3 anos	As histórias devem ser rápidas, com pouco texto de um enredo simples e vivo, poucos personagens, aproximando-se, ao máximo das vivências da criança	Gravuras grandes e com poucos detalhes	Os fantoches continuam sendo o material mais adequado. Música também exerce um grande fascínio sobre a criança
3 a 6 anos	Os livros adequados a essa fase devem propor vivências radicadas no quotidiano familiar da criança.	Predomínio absoluto da imagem, sem texto escrito ou com textos brevíssimos.	Livros com dobraduras simples. Outro recurso é a transformação do contador de histórias com roupas e objectos característicos. A criança acredita, realmente, que o contador de histórias se transformou no personagem ao colocar uma máscara
6 / 7 anos  Fase de alfabetização	Trabalho com figuras de linguagem que explorem o som das palavras. Estruturas frasais mais simples sem longas construções. Ampliação das temáticas com personagens inseridas na colectividade, favorecendo a socialização, sobretudo na escola.	Ilustração deve integrar-se ao texto a fim de instigar o interesse pela leitura. Uso de letras ilustradas, palavras com estrutura defensiva diferenciada e explorando carácter pictórico.	Excelente momento para inserir poesia, pois brinca com palavras, sílabas, sons. Apoio de instrumentos musicais ou outros objectos que produzam sons Materiais como massinha, tintas, lápis de cor ou cera podem ser usados para ilustrar textos

Quadro I: leituras em função das fases de desenvolvimento da criança, Extraído de Cristiane de Oliveira, Livros e Infância <http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm>, 20/11/2009

### 2.3.A função do maravilhoso na infância

Como foi referido nos pontos anteriores, a literatura infantil, especialmente na versão contos de fadas, teve na sua origem histórias tradicionais caracterizadas pelo fantástico. Vindas de um tempo em que muitos fenómenos ficavam por explicar, essas histórias interpretavam os “mistérios” da natureza e dos seres humanos, com recurso a mitos, lendas e crenças diversas. Estes elementos extraordinários (fora do ordinário, do comum) constituem o que se designa normalmente por Maravilhoso. Retomando Cristiane M. de Oliveira, considera-se como Maravilhoso todas as situações que ocorrem fora do nosso entendimento da dicotomia espaço/tempo ou realizada em local vago ou indeterminado na terra. Tais fenómenos não obedecem às leis naturais que regem o planeta. É graças a esse sentido de maravilhoso que acontecem coisas inesperadas nos contos de fada. A varinha mágica, ou varinha de condão das nossas histórias tradicionais, serve exactamente para isso: garantir uma passagem para o mundo do fantástico, do maravilhoso, onde os animais falam, os objectos se transformam, as pessoas podem voar e adquirir poderes especiais. Trata-se como nos diz Cristiane de Oliveira, de *“uma linguagem metafórica que se comunica facilmente com o pensamento mágico, natural das crianças”*. Lembra-nos esta autora que:

*“O Maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Através do prazer ou das emoções que as histórias lhes proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens vai agir em seu inconsciente, actuando pouco a pouco para ajudar a resolver os conflitos interiores normais nessa fase da vida”*<sup>13</sup>

Uma obra muito conhecida de Bruno Bettelheim de análise dos contos de fada pela via da psicanálise afirma que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional. É durante essa fase que surge a necessidade da criança em defender a sua vontade

---

<sup>13</sup> Cristiane de Oliveira, Livros e Infância <http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm>, 20/11/2009

e a sua independência em relação ao poder dos pais ou à rivalidade com os irmãos ou amigos. Segundo este autor:

*“Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça á multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança”.*

É nesse sentido que a literatura infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc., facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social. Tal dicotomia, se transmitida através de uma linguagem simbólica, e durante a infância, não será prejudicial à formação de sua consciência ética. O que as crianças encontram nos contos de fadas são, na verdade, categorias de valor que são perenes. O que muda é apenas o conteúdo rotulado de bom ou mau, certo ou errado.

Lembra a Psicanálise, que a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido à sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e protecção. Pode assim superar o medo que a inibe e enfrentar os perigos e ameaças que sente à sua volta, podendo alcançar gradativamente o equilíbrio adulto.

As soluções encontradas pelos heróis das histórias que a criança lê ou ouve contar, a forma como os personagens enfrentam os problemas ajudam a criança a superar as suas próprias dificuldades, a enfrentar os problemas, a ter mais esperança. Uma função do maravilhoso é exactamente o seu poder de ruptura com o quotidiano, com a aspereza da vida, com os conflitos que em determinados momentos atormentam as crianças. Ouvir histórias onde situações similares são resolvidas sossega o espírito da criança, ao mesmo tempo que lhe dá mais coragem para crescer, contribuindo para alcançar gradativamente o equilíbrio adulto.

Procurámos, ao longo deste capítulo, demonstrar a importância da literatura infantil no processo de formação e desenvolvimento da criança. As histórias para crianças constituem recursos importantes para a socialização e integração na comunidade, para a construção da linguagem e o conhecimento do mundo, para a formação de valores e a cidadania. Mas, a

mais poderosa função da literatura infantil continua a ser o poder de fascinar as crianças, de lhes revelar um mundo de possibilidades que supera o quotidiano e, neste sentido, poder mudar-lhes a vida. Daí a urgência de se continuar a contar histórias às crianças, histórias maravilhosas, histórias de encantar.

### **III. A LITERATURA INFANTIL NOS JARDINS-DE-INFÂNCIA EM CABO VERDE (SITUAÇÃO, OBRAS, AUTORES)**

Para além da componente de pesquisa bibliográfica, a elaboração deste trabalho incidiu sobre uma vertente prática, baseada em observação de actividades em jardins-de-infância e aplicação de questionários a pais e monitoras. Foi também possível entrevistar uma autora de literatura infantil, cujas respostas muito contribuíram para enriquecer o nosso ponto de vista. Neste capítulo, propomo-nos reflectir sobre esta componente prática, focando os seguintes aspectos: o espaço do conto infantil no pré-escolar, o papel desempenhado pelos pais e educadores e a situação da literatura infantil no país. Os pontos seguintes pretendem apresentar de forma sistematizada os principais aspectos referidos.

#### **3.1 .O espaço do conto infantil no pré-escolar**

Ao longo da nossa formação e da nossa própria experiência com crianças, nomeadamente no âmbito do estágio pedagógico, apercebemo-nos da grande importância dos contos infantis para as crianças, sobretudo as mais pequenas. Como procurámos mostrar durante este trabalho, as histórias infantis, quer contadas oralmente quer lidas por adultos ou pela própria criança, influenciam de forma muito significativa a vida das crianças,

contribuindo para um desenvolvimento harmonioso da sua personalidade. É interessante notar que na nossa cultura, o hábito de contar histórias estava profundamente implantado nas famílias e comunidades. Quase todas as pessoas mais velhas se lembram do seu tempo de infância em que se juntavam crianças para ouvir histórias contadas por avós ou tios ou simplesmente pessoas que tinham o dom de contar, de maravilhar a audiência. Hoje em dia, tal como em muitas outras sociedades, as mudanças que se verificaram exigiram novas formas de organizar o tempo e a vida das crianças. Sobretudo no meio urbano, onde decorreu o nosso estágio, os vizinhos já não se juntam, a diversão fundamental em casa é a televisão, acompanhada dos jogos de computador, e as histórias quando chegam às crianças é sobretudo através dos desenhos animados ou dos livros.

Quisemos conhecer junto das pessoas com quem falámos o lugar reservado às histórias e os hábitos ligados à literatura para a infância nos jardins e em casa. No quadro seguinte, apresentamos um resumo das respostas, que depois comentamos.

<b>Tópicos</b>	<b>Monitoras</b>	<b>Pais</b>	<b>Observações</b>
<b>1. Hábito do ler/ou contar histórias às crianças</b>	12 Monitoras responderam Sim; 1 Respondeu Não.	9 Pais responderam Sim; 3 responderam Não.	A monitora que respondeu não, na verdade queria dizer que não tem hábito de ler histórias às crianças, mas sim só de contar. Ela acabou por referir na questão seguinte
<b>2. Forma de apresentação das histórias (contadas, lidas, dramatizadas)</b>	4 Monitoras responderam que as histórias são contadas (oralmente), lidas e dramatizadas; 7 responderam que são contadas oralmente; 1 respondeu que são contadas oralmente e também dramatizadas; 1 Monitora respondeu que as histórias são lidas	Normalmente as histórias são contadas. 4 pais referiram também a leitura.	Ao contrário do que sugere a programação das actividades, a frequência da dramatização é baixa (Apenas 5 em 13 monitoras se referiram às dramatizações)
<b>3. Frequência (nº de vezes por semana em que as histórias são apresentadas)</b>	5 monitoras responderam “três vezes por semana”; 3 responderam “uma vez”; 1 respondeu “sempre que as crianças solicitarem” 3 responderam duas vezes numa semana;	6 pais responderam “raras vezes”; 4 responderam “quase todas as noites”; 2 responderam	Para a monitora que respondeu: sempre que as crianças solicitar, então se as crianças não solicitarem não haverá história? E se as crianças solicitarem somente a história as outras actividades



	1 respondeu “todos os dias”	“nunca”	como é que ficam? Tem que haver uma planificação (horário, tempo)
<b>4. Histórias mais apresentadas (lidas/contadas)</b>	8 monitoras responderam: “histórias tradicionais de Cabo Verde”; 3 responderam “histórias tradicionais de C. V. e histórias estrangeiras”; 2 responderam “histórias estrangeiras”	4 pais responderam h. estrangeiras; 5 h. tradicionais de Cabo Verde e estrangeiras; 1 histórias tradicionais de Cabo Verde; 2 sem resposta	Verifica-se que tanto as monitoras como os pais dão importância aos contos/histórias tradicionais de C. Verde, visto que retratam a realidade da nossa terra, por conseguinte vão ao encontro da realidade das nossas crianças e acabam por facilitar a sua inserção na sociedade
<b>5. Conhecimento de autores cabo-verdianos e estrangeiros por parte dos agentes (monitoras/pais)</b>	9 monitoras responderam que conhecem alguns livros infantis de autores Cabo-verdianos e estrangeiros e citaram os nomes; 3 responderam que não conhecem; 1 não respondeu à questão	4 pais responderam que conhecem alguns autores de livros infantis e mencionaram os nomes; 8 responderam que não conhecem	Por parte dos pais, nota-se um fraco conhecimento no que toca aos livros para crianças e respectivos autores.
<b>6. Disponibilidade e acesso aos livros de história: em termos quantidade/adequação</b>	3 monitoras responderam que em termos de quantidades os livros de histórias disponíveis nos seus jardins são poucos; 4 responderam suficientes; 6 responderam que são muitos; Adequação: 6 responderam muito adequados; 5 responderam adequados; 2 responderam pouco adequado		Apesar de no nosso país existir uma grande carência de livros para crianças na maioria dos jardins-de-infância, constatei que há jardins que em termos de disponibilidade disseram ter muitos livros, o que nem sempre corresponde ao uso efectivo.
<b>7. Estímulos para o desenvolvimento do gosto pelas histórias e pelos livros</b>	12 monitoras responderam permanência no cantinho de leitura/reconto pelas crianças; 1 respondeu que as crianças não são estimuladas para a leitura	9 pais responderam que costumam incentivar os filhos para o gosto pelas histórias/livros: oferecendo livros, levando às feiras do livro; 2 responderam que não fazem nada a respeito.	Apesar de muitos pais terem respondido nas questões anteriores que raras vezes costumam ler ou contar histórias aos filhos, nota-se que somente dois pais disseram que não estimulam os filhos para o gosto pelas histórias/livros

<b>8. Importância do hábito do ler/contar histórias às crianças</b>	12 monitoras responderam que é muito importante ler/contar histórias às crianças, uma vez que desenvolve a linguagem, a capacidade da imaginação, concentração, a criatividade, o interesse e gosto para a leitura/ouvir histórias; 1 não respondeu a questão	Todos os pais responderam em massa que é importante ler/contar histórias às crianças, isto porque desenvolve na criança o espírito crítico, ajuda muito a criança no seu dia/dia, enriquece o vocabulário, pensamento lógico, a curiosidade, interesse para a leitura/contar histórias	Monitoras e pais estão todos com uma clareza nítida sobre a importância do ler/contar histórias às crianças, com isso quero realçar que as monitoras/pais devem continuar com a prática dessa actividade lúdica e pedagógica para com as nossas crianças
---	--	--	--

Quadro II: Síntese das respostas aos questionários aplicados

Como se pode observar pelas respostas constantes do Quadro II, pais e educadores estão de acordo sobre a importância da leitura para as crianças. Contudo, apesar desse reconhecimento, poucos o fazem com regularidade. Basta notar que apenas quatro dos doze pais questionados dizem contar histórias aos filhos todas as noites. É também interessante notar que certos pais, ainda que em número reduzido (quatro), têm o hábito não só contar como também de ler aos filhos. Estas respostas levam-nos a pensar que os pais têm uma consciência nítida da importância de ler e contar histórias às crianças.

Vale a pena reflectir sobre a variação das respostas das monitoras no que toca à frequência com que apresentam histórias. Na verdade, existe uma programação igual para todos os jardins-de-infância. Interessante é também a resposta da monitora que diz que conta “sempre que as crianças solicitarem”. Apesar de alguma dificuldade que esta atitude pode gerar a nível da programação, não deixa de ser aberta e de grande atenção para com as crianças.

Relativamente às histórias mais lidas ou contadas, os nossos informantes, fizeram referência a histórias tradicionais de Cabo Verde (oito das treze monitoras e cinco dos doze

pais), o que demonstra uma predominância destas histórias em relação às estrangeiras. A maioria das monitoras inquiridas (nove das treze) afirma conhecer autores cabo-verdianos, tendo citado nomes. Da parte dos pais, o conhecimento é mínimo.

Também foi nossa preocupação questionar as monitoras acerca da disponibilidade e adequação das obras de literatura infantil nos jardins-de-infância, tendo elas respondido em média positivamente, quer para a disponibilidade quer pela adequação. Esta posição, contudo, não condiz com os dados da nossa observação, pois em muitos casos os livros disponíveis pareceram-nos francamente insuficientes, e nem sempre os existentes estão acessíveis às crianças.

Tanto os pais como as monitoras afirmam incentivar a prática da leitura e o convívio com a literatura infantil. Os pais, a grande maioria, fizeram referência ao hábito de oferecer livros aos filhos e de os levar às feiras de livros. As monitoras, por sua vez, são unânimes: a permanência das crianças no cantinho da leitura é a principal estratégia.

Outros aspectos focados pelos nossos inquiridos, ainda que não constantes do quadro, merecem alguns comentários. Houve pais que tiveram a preocupação em falar da influência da televisão e do computador, como sendo concorrentes mais fortes das histórias contadas ou lidas. De acordo com esses pais, as crianças ficam “presas” à televisão e aos jogos e já não querem saber de ouvir ou ler histórias. A este respeito, será importante procurar alianças entre os novos meios e as velhas tradições. Existem histórias tradicionais apresentadas sob a forma de filmes ou desenhos animados, os próprios jogos, muitas vezes, contêm versões de histórias tradicionais ou de contos de fada. Se os pais se habituarem a acompanhar os filhos nos seus programas televisivos e nos jogos, poderão descobrir a forma de os incentivar, de encontrar um lugar para a leitura de contos.

Algumas monitoras consideraram pouco adequados os livros disponíveis por estarem escritos em francês e inglês. Este aspecto não nos parece de tanta relevância, quando se trata de livros com muitas ilustrações, pois podem ser utilizados nas primeiras fases de desenvolvimento das crianças, para uma série de actividades, como está explicado no capítulo II (Ver Quadro I). Aliás, esta é também a opinião de algumas monitoras que estão conscientes das limitações da língua, mas sabem que muitos desses livros são donativos de cooperação com organizações estrangeiras e não deixam de ter utilidade.

O mais importante e adequado são as ilustrações, as letras, muitas vezes (letras grandes/de máquinas/de imprensa), as gravuras, livros que despertam muito interesse às crianças, que possibilitam às crianças principalmente fazer a leitura de imagens. Contudo, isto não significa que por as crianças do pré-escolar não saberem ler, os livros não tenham que estar escritos em português. Na verdade, é desejável que assim seja, primeiro, para que as monitoras, educadoras ou outros adultos os possam ler às crianças e, segundo, porque podem também servir para iniciação à alfabetização. O importante é que, tanto em casa como no jardim-de-infância as crianças pequenas sejam contempladas com mais histórias e mais livros de literatura infantil.

### **3.2.A literatura infantil em Cabo Verde**

Em Cabo Verde, a prática de as pessoas se reunirem constitui uma das referências importantes da cultura, um pouco por todas as ilhas. Apesar das grandes mudanças registadas na sociedade, ainda hoje é bastante frequente encontrar grupos de jovens, sobretudo rapazes, que se reúnem para contar piadas e “passagens” (histórias consideradas verdadeiras vivenciadas pelos próprios contadores ou por terceiros). É certo que cada vez mais, o modo de vida urbano influencia os estilos de vida, deixando as pessoas mais “dentro de casa”. As crianças são, talvez, as principais afectadas por essas mudanças, pois, a nova geração já não vive da mesma maneira que as gerações anteriores essas oportunidades de aprendizagem que os contos proporcionavam. Apesar da presença mais enfraquecida dos contos para a infância no nosso país, podemos afirmar que existe uma literatura infantil e que ela possui as características necessárias para cumprirem um importante papel educativo. Duas vertentes devem ser assinaladas, sendo uma mais tradicional, constituída por narrativas orais, e outra de obras de autores, editadas em livro.

Do ponto de vista tradicional, existem as histórias tradicionais, que nos transportam para épocas distantes, fazem relatos do passado (as fomes, as secas, a emigração) e de uma forma muito criativa, abordam os problemas da emigração, da vida e da morte, das eternas buscas dos seres humanos. Disfarçadas em histórias de Lobo e Chibinho, muitas situações da vida ensinam às crianças sobre as noções do bem e do mal. As histórias de Feiticeiras estão

normalmente associadas à coragem, às capacidades de resistência e, sobretudo a valores morais que conduzem às melhores escolhas, exactamente aquelas que nos contos são premiadas (o filho que prefere a bênção ao dinheiro, a rapaz que ajuda os idosos, a criança que obedece, etc). Em tudo existe uma oportunidade de aprendizagem, uma lição para a vida.

Hoje muitas dessas histórias não são mais recordadas em sessões orais, mas existem compilações que podem ajudar educadores e pais a preservarem esse traço da nossa cultura.

A par dessa literatura de tradição oral, existe uma produção ainda que modesta de textos especificamente dirigidos às crianças. Vale a pena referir a colecção de Lobo e Chibinho, em banda desenhada, Histórias de Encantar de Hermínia Curado Ferreira, a colecção Stera de Zaida Sanches, com quatro livros, algumas obras de Leão Lopes (Bulimundo, Unine e outros), Bentinho Traquinas, 1,2,3 e Aventuras na Cidade Velha de Marilene Pereira, a Estrelinha Tli -tlim de Dina Salústio, Saaraci, o Último Gafanhoto do Deserto de Luísa Queirós, entre vários outros.

Recentemente, novos livros para crianças têm sido publicados, entre os quais Mamã, Conta-me uma história, de Natacha Magalhães, cuja sessão de apresentação pública atraiu numerosas crianças e adultos, mostrando o interesse pela literatura infantil. Contudo, ainda esta vertente da literatura em cabo verde, não representa muito em termos da produção geral de livros. Ainda são muito poucos os autores nacionais que se dedicam a escrever para crianças. A autora, Zaida Sanches, que tivemos o prazer de entrevistar, considera que se trata de *“uma área com bastante carência em matéria de edição”*.

Ainda esta autora de obras para crianças é de opinião que tanto os escritores, como as entidades oficiais deveriam dedicar-se mais à literatura infantil. Acrescenta que as escolas e outras entidades devem conceber planos de leitura e utilizar estratégias para ajudar a *“desenvolver a capacidade imaginativa e criativa das crianças”*, lembrando que *“a leitura é uma viagem ao conhecimento, e promovê-la é uma missão de todos nós.”*

### **3.3.O papel dos pais e educadores de infância**

Como ficou demonstrado no início deste capítulo, os pais e educadores estão conscientes da importância dos contos para a infância e da necessidade de garantir o contacto das crianças como os mesmos. A respeito dessa prática, as monitoras consideram muito importante ler/contar histórias às crianças, *“uma vez que desenvolve a linguagem, a capacidade da imaginação, concentração, a criatividade, o interesse e gosto para a leitura”* (cf. Quadro II). Igualmente os pais apoiam a mesma ideia, argumentando que *“desenvolve na criança o espírito crítico, ajuda muito a criança no seu dia/dia, enriquece o vocabulário, pensamento lógico, a curiosidade, interesse para a leitura/contar histórias”*. Todavia, os benefícios da literatura infantil só podem ser alcançados se as famílias e os jardins-de-infância puderem criar oportunidades para o contacto contínuo com a literatura. Os autores que nos serviram de referência manifestam diversas preocupações com a valorização da literatura infantil, nomeadamente em termos de conteúdo e de forma de apresentação. Alguns textos são especialmente direccionados para a questão da alfabetização, em que pais e educadores têm também um papel a desempenhar. No caso dos jardins, os textos chamam a atenção para alguns aspectos a ter em conta no momento de apresentação das histórias, defendendo que:

- A educadora deverá encontrar a posição mais adequada para que todas as crianças tenham acesso visual ao livro que está sendo lido, sobretudo, as gravuras que inicialmente exercem maior atracção nas crianças.
- A educadora tem que ler de forma literal, porém clara e agradável de modo que a leitura capte o mais possível a atenção das crianças. Só aos poucos, o conteúdo da história vai se tornando mais saliente para elas.
- É muito importante que surjam perguntas e comentários em relação ao que está sendo lido, para que a leitura não se transforme num ritual didáctico alheio aos verdadeiros interesses das crianças.
- Observando-se o comportamento da criança, fica evidente a sua capacidade de inventar histórias, por isso a necessidade do educador em assumir o compromisso com o livro em sala de aula e ter o hábito de contar histórias, despertando a curiosidade pelos signos da escrita, encorajando-as, solicitando-as e provocando situações para que elas criem suas hipóteses, abrindo as portas para o universo da leitura.

- Através de um contacto diário com actividades de leitura e de escrita, a alfabetização será transformada num processo ameno e descontraído, facilitando a continuidade na prática pedagógica entre a preparação para a alfabetização e a alfabetização propriamente dita.
- Para que a literatura infantil seja um instrumento importante de auxílio no processo de alfabetização, devemos nos preocupar com a qualidade da história que estamos lendo. A escolha do livro deve nortear-se por alguns princípios que garantam a eficácia do trabalho pedagógico, tais como a qualidade de criação, a estruturação da narrativa e a sua adequação às convenções do português escrito e, naturalmente, o interesse que desperta nas crianças.
- É muito importante que a leitura se transforme numa actividade diária na sala de aula. As crianças de pré-escolar costumam ter livros preferidos que podem ser lidos frequentemente. Elas desenvolvem o prazer em conhecer a história lida, aprendê-la em detalhes, exigir sempre a mesma sequência e antecipar as emoções que tiveram da primeira vez que leram ou ouviram.
- Para um estímulo mais directo, um trabalho com as semelhanças de sons entre as palavras poderá ser iniciado desde cedo. Jogos e leitura que envolvam rimas como poesias e histórias rimadas poderão servir de base. Ao criarem seus textos, as crianças estarão acostumadas às formas de linguagem lidas nos livros, tornando correctas as concordâncias, e a aplicação das regras de gramática e da comunicação.
- Ao dominarem os mecanismos de leitura, elas crianças buscarão a leitura de novos livros. Porém, a leitura de livros na escola não pode ser proposta como tarefa e imposta ao aluno. O aluno tem que desenvolver o prazer e o interesse pela leitura e o educador ser o facilitador desse processo.

Por parte dos pais, é importante promover esse encontro com as histórias, através de uma prática de diálogo, de participação activa nos tempos livres da família, na apresentação de contos e leituras em conjunto. Deve-se, sempre que possível, oferecer livros às crianças,

incentivá-las a fazer o reconto, desenhar e dramatizar as histórias lidas. Os pais devem valorizar as leituras e os livros e esforçar para aproveitar as oportunidades que surgem (lançamentos e feiras do livro, encontro com autores, teatro, etc.) para levar os filhos e sensibilizá-los para o fabuloso mundo dos contos.

## **CONCLUSÃO E SUGESTÕES**

Ao elaborar este trabalho, pretendíamos questionar se a literatura infantil tem ocupado o lugar que merece nos jardins-de-infância do nosso país. Não se tratando de uma recolha exhaustiva – apenas estivemos em seis jardins -, não nos é possível responder totalmente à questão. Mas a pesquisa e os contactos feitos ajudaram-nos a compreender melhor a situação e a chegar a algumas conclusões.

- Em primeiro lugar, convém assinalar a grande importância dos contos para crianças: no despertar para o mundo em que vivem, na construção dos conceitos e da linguagem, na afectividade e no enfrentar dos conflitos próprios das diferentes fases do seu desenvolvimento.
- Outra importância grande dos contos de fada, ou das histórias para crianças no geral, é o seu potencial como meio de iniciação à alfabetização e ao gosto pela leitura. A leitura, enquanto ferramenta de base para a aprendizagem e uma melhor inserção no mundo.



- Nos jardins-de-infância do nosso estudo também a literatura para infantil tem o seu lugar. As monitoras e os pais consideram-na de grande importância. Contudo, a realidade está aquém do interesse que afirmam ter, pois ainda se registam muitas carências, tanto em disponibilidade, como em adequação às diferentes faixas etárias. Igualmente, o mercado editorial nacional não dispõe de muitos títulos para crianças. Será todo um campo por explorar, quer no domínio da escrita como da ilustração.

Assim sendo, e porque auguramos um futuro melhor para a literatura infantil nos jardins-de-infância em Cabo Verde, deixamos algumas aqui sugestões.

- Para começar, não há nada mais encantador, envolvente, do que ouvir histórias na voz dos pais, avós e educadores. Por isso, nós, os educadores de infância, temos a responsabilidade e o dever de proporcionar às nossas crianças do pré-escolar o gosto pelo mundo dos contos.
- Devemos aproveitar todas as oportunidades para valorizar a capacidade inventiva da própria criança, não vendo a literatura infantil como coisa pequena, mas sim, como arte. Arte da linguagem em que se privilegiam a emoção, os sentimentos, a fantasia, o encantamento, a formação integral do indivíduo, ser em transformação.
- Estimular sempre o contacto com os contos e os livros, associando-os com planos que abranjam actividades lúdicas, pedagógicas, de diversão e, sobretudo, estimular a capacidade criativa, o imaginário de fantasia, de emoção e de interesse, a fim de também transmitir-lhes experiências duradouras.

Que os contos da infância possam servir para uma iniciação feliz da criança no mundo da escola e abra as portas a uma vida plena!

## BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Garcia, **Literatura para crianças e jovens em Portugal**, Campo das Letras, Editores, S. A., 1998.

COELHO, Nelly Novaes Coelho. **Literatura Infantil**, 7ª ed.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro. Obbjetiva. 2002.

MAGALHÃES, A. M.<sup>a</sup>;ALÇADA, I. *Literatura infantil, espelho da alma, espelho do mundo*. Revista ICALP, vol. 20 e 21, Julho. Outubro de 1990.

OLIVEIRA, Cristiane, **Livros e Infância** <http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm>, 20/11/2009.

GUIMARÃES E SÁ, Domingos, *A Literatura Infantil em Portugal*. Braga. Edição da Editorial Franciscana.

RODARI, Gianni, *Gramática da Fantasia*, Introdução À Arte De Contar Histórias, Editorial Caminho, SA, Lx. 2ªed., 1993.

RODRIGUES, Adriano Duarte, «*prefácio á edição portuguesa*», in PROPP, Vladimir, *Morfologia do Conto*, ed. Vega, 1978.

VASCONCELOS, Bárbara, *A Literatura Infantil. Visão Histórica e Crítica*, Global, ed., 3ªed., S P., s.d.

# ANEXOS

## ANEXO I: Questionário às Monitoras de E. de Infância

UNICV Curso: Licenciatura em Educação de infância

Título do trabalho: A importância da literatura infantil no pré-escolar

### Questionário

Este questionário destina-se à recolha de dados para a realização do trabalho de fim de curso.

As informações serão mantidas sob anonimato.

1. Costuma ler e contar histórias às crianças?

2. Sim ☐ Não ☐

2. Normalmente como é que faz:

As histórias são lidas ou contadas oralmente?

-----

3. Quantas vezes numa semana, costuma ler/contar histórias às crianças?

-----

4. Quais são as histórias mais lidas/contadas às crianças?

Histórias tradicionais de C. Verde

☐

Histórias Estrangeiras

☐

5. Como considera os livros de histórias disponíveis no seu jardim em termos de quantidade?

Muitos

☐

Suficientes

☐

Poucos

☐

5.1 E em termos de adequação aos interesses e idades das crianças?

Muito adequado ☐

Adequado ☐

Pouco adequado ☐

Explique porquê \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6. Conhece livros infantis de autores Cabo-verdianos?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, quais? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7. Costuma apresentar (contar/ler/dramatizar) histórias de autores Cabo-verdianos?

☐ Sim ☐ Não

7.1 Se sim, com que frequências?

Várias vezes por semanas ☐

Uma vez por semana ☐

De vez em quando ☐

7.2 Se não, porquê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

8. No seu jardim as crianças são estimuladas para a leitura?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, quais as estratégias utilizadas?

. Leitura e conto na sala ☐

Permanência no cantinho da leitura \_\_\_\_\_ ☐

Dramatização \_\_\_\_\_ ☐

.Reconto pelas crianças \_\_\_\_\_ ☐

.Ida a bibliotecas \_\_\_\_\_ ☐

.Visita de contadores de histórias ou autores \_\_\_\_\_ ☐

.Oferta de livros às crianças \_\_\_\_\_ ☐

9. Como è o comportamento das crianças durante o tempo em que estão a ouvir histórias?

---

---

---

10. Considera importante contar histórias às crianças do pré-escolar?

Sim ☐

Não ☐

10.1 Porquê \_\_\_\_\_

---

---

## ANEXO II: Questionário aos Pais

UNICV

Curso: Licenciatura em Educação de Infância

Título do Trabalho: A importância da Literatura Infantil no pré-escolar

### Questionário

Este questionário destina-se á recolha de dados para a realização de um trabalho de fim de curso. As informações serão mantidas sob anonimato.

1. Costuma ler histórias aos seus filhos?

Sim

☐

Não

☐

2. Lembra-se de alguns livros de histórias que tenha lido aos seus filhos?

---

---

---

3. Com que frequência, costuma ler ou contar histórias aos seus filhos?

Quase todas as noites

☐

Um vez por semana

☐

Raras vezes

☐

Nunca

☐

4. Costuma oferecer livros como presentes aos seus filhos? Com que frequência?

Muitas vezes

☐

De vez em quando

☐

Nunca

☐

5. Conhece algum autor de livros infantis?

Sim

☐

Não

☐

Quais? 

---

---

---

5.1. E os autores Cabo-verdianos?

Sim

☐

Não

☐

Se sim quais? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6. Acha que as histórias tradicionais cabo-verdianas despertam algum interesse nas crianças?

Sim

☐

Não

☐

Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7. Considera importante ler/contar histórias às crianças?

Sim

☐

Não

☐

Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8. Costuma incentivar o filho (a) para a leitura?

Sim

☐

Não

☐

Se sim, de que maneiras? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9. Considera os livros para crianças disponíveis em Cabo-Verde adequados?

Muito adequado

☐

Adequado

☐

Pouco adequado

☐



Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

10. Queira deixar algumas sugestões para a promoção da leitura nos Jardins de Infância.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## **ANEXO III: Lista dos Jardins-de-infância onde trabalham as Monitoras inquiridas**

### **Jardins-de-infância**

1. Jardim Suzy – Bairro Craveiro Lopes
2. Jardim Amor é Deus – Achadinha
3. Jardim Encanto – Fazenda
4. Jardim Nosso Amiguinho – Achada Santo António
5. Jardim Katily – Achadinha
6. Jardim Gulbenkian

## ANEXO IV: Entrevista à autora de livros infantis Zaida Sanches

### Guião de entrevista

#### 1. A Zaida Sanches é autora de livros para crianças.

Pode falar-nos um pouco dos seus livros e do que pretende atingir através deles.

A **Colecção Stera** trata-se de uma colectânea de quatro contos tradicionais infantis: “*O Reino das Rochas*”, “*A Greve dos Animais*”, “*A Princesa do Mês de Agosto*” e “*A Sopa da Beleza*”.

Designação **Colecção Stera** é viagem aos tempos de outrora, em que esse utensílio também servia de assento para convívio e partilha de conhecimento entre os mais novos e os mais velhos.

«*O Reino das Rochas*» fala da descoberta e povoamento de uma ilha imaginária, mas baseada na história do nosso país. Faz uma homenagem às pedras e as rochas. Demonstra o poder que as crianças reconheciam nas pedras, solicitando apoio em momentos de apuros.

«*A Princesa do Mês de Agosto*» fala de dois agoiros relativos ao mês de Agosto (o casamento e a entrada da terra para dentro de casa). Em ambas as situações dá azar.

«*A Greve dos Animais*» pretende sensibilizar as crianças para o respeito pelo Direito daqueles seres vivos, contando a estória de três animais que participam activamente na vida económica dos seus proprietários.

«*A Sopa da Beleza*» aborda o mau olhado e a hora minguada, apresenta a nova roda dos alimentos e incentiva as crianças a comerem a sopa por ser rica em nutrientes que fazem bem ao nosso organismo.

- Pretendo incentivar o hábito de leitura nos mais pequeninos, estimular a comunicação pais e filhos através da leitura e comentário dos textos e preservar alguns aspectos da cultura caboverdiana.

#### 2. E sobre a literatura infantil em Cabo Verde. Qual a sua opinião?

A literatura infantil é de extrema importância para a formação do indivíduo (veicula sobretudo valores) por isso merece maior atenção por parte de todos. Porém sou de opinião de que é uma área com bastante carência em termos de edição. Apesar de ter visto um número considerável de autores (no levantamento feito pelo Professor Manuel Brito Semedo constam dezasseis autores infanto-juvenis) praticamente há pouca publicação neste sector. Muito precisa ser feito.

#### 3. Como vê a aceitação por parte do público infantil?

A aceitação tem sido boa. Tanto por parte das crianças como dos pais. Tendo em conta a carência que se nota neste sector. As crianças estavam mesmo a precisar. Os pais também demonstram satisfação por ser uma forma de contribuir para a formação dos seus filhos e reconhecem que a leitura tem estimulado a comunicação com seus filhos. As crianças que ainda não sabem ler exigem a presença dos pais para a leitura.

**4. Será que os escritores estão a dar resposta aos anseios e as necessidades desse público?**

Penso que em principio deveriam dedicar-se mais a este publico-alvo escrevendo mais e levando mensagens pedagógicas, mas temos que levar em conta que a publicação não depende unicamente do escritor, sobretudo a escrita infanto-juvenil que requer ilustração, que por si só encarece bastante a obra. A ilustração é importantíssima nas obras infanto juvenis. Ela complementa o texto. Dá vida às palavras. Como há crianças que não sabem ler, a ilustração desempenhará um papel preponderante na estimulação da capacidade interpretativa desses pequenos e cativa a atenção dos mais velhos.

**4. Acha que as escolas/ jardins de infância valorizam suficientemente a literatura infantil?**

Penso que não valorizam tanto porque ainda não vêem as obras como um material de trabalho. Falta explorar essa vertente. Ter um Plano de Leitura ou seja um conjunto de actividades que visam o incentivo à leitura.

As obras da literatura infantil são didácticas pedagógicas, têm sempre uma lição de vida para as crianças, portanto se for explorado vai ser muito mais fácil fazer passar uma mensagem do que fazer uma lista de recomendações para apresentar as crianças.

Penso que os professores, o Governo terão primeiro de reconhecer a importância dessa literatura e depois criar um Plano para poder tirar proveito das vantagens da literatura infantil. Portanto nesse Plano privilegiar-se-ia à leitura, comentários e a recriação de obras, seria bom para explorar a capacidade imaginativa e criativa das crianças. Outro exemplo poderia ser piquenique com livros

**5. Existem no país ilustradores interessantes e preparados para a literatura infantil?**

Existe, sem dúvida. Penso que temos duas categorias se assim os posso designar. Uma composta por artistas plásticos e pintores o caso de Tchalé Figueira, Dudu Rodrigues, por exemplo e muitos outros jovens que gostam da banda desenhada e da ilustração e que fazem belíssimos trabalhos.

Nas minhas obras trabalhei com o Dudu Rodrigues que fez duas obras a aguarela e guache e trabalhei com dois jovens ilustradores que são o Ivanilson Sanches e o Anderson Fernandes.

**6. Queira deixar as suas sugestões:**

- Que os pais, professores e os educadores em geral incentivem mais a leitura nos filhos.
- Os adultos devem oferecer livros às crianças e influencia-los a lerem mais.
- O Governo deve investir mais nesse sector.

A leitura é uma viagem ao conhecimento, promove-la é uma missão de todos nós.